

# A IRONIA E A ARTICULAÇÃO DOS SENTIDOS PELAS VIAS DA LINGÜÍSTICA E DA PSICANÁLISE

Leila Rocha Sarmiento COELHO (UFPB)\*

**RESUMO:** A ironia, como mecanismo de linguagem, ao consistir em dizer o contrário daquilo do que se está pensando ou sentindo permite observar a produção de sentidos na lingüística saussuriana, a partir da concepção de língua como um sistema de signos, através da noção de arbitrário e de valor lingüístico e, principalmente, pelas relações sintagmáticas e associativas; bem como nos conduz aos fenômenos do inconsciente, na medida em que a verdade para o inconsciente só pode ser dita de forma indireta, permitindo ver a produção de sentidos pelos movimentos do inconsciente freudiano, que são os movimentos de condensação e deslocamento e pelos movimentos de metáfora e metonímia formadores do inconsciente lacaniano.

**ABSTRACT:** The irony is a language mechanism that consists of saying the opposite than one are thinking or feeling. That allows to observe the production of senses in the Saussure's linguistics, starting from the language conception as a system of signs, through the notion of arbitrary and of linguistic value and, especially, the syntagmatic and associative relations; as well as it leads to the movement of the unconscious, in the measure in that the truth for the unconscious can only be told in an indirect way, allowing to see the production of senses for the movements of the unconscious freudiano, that are the condensation movements and displacement and for the metaphor movements and metonymy constituent of the unconscious lacaniano.

## 1. Introdução

Num olhar desatento para essas duas ciências – Lingüística e Psicanálise – em princípio tão díspares, com seus objetos tão diferentes, uma a língua a outra, o inconsciente, nada vemos ou percebemos em comum, nem um elo possível de contribuição aos seus estudos. Mas, quando se debruça um olhar mais atencioso, curioso, logo se encanta e se entusiasma com as peculiaridades e os pontos de intersecção entre ambas.

Entre esses pontos de intersecção está a palavra, referencial de análise para ambas entenderem seu respectivo objeto de estudo, bem como elemento que consolida a contribuição de uma à outra, na perspectiva em que se pode observar uma ação inconsciente na linguagem e, no inconsciente, uma estruturação semelhante à da linguagem.

Porém, a contribuição de uma ciência à outra poderá ser grandiosa, mas uma articulação entre ambas é alvo de discussões, críticas e resistências, tanto do lado dos lingüistas quanto dos psicanalistas.

É preciso ressaltar que a ênfase para os estudos em torno das contribuições entre ambas não se restringe à semelhanças e diferenças. Tomar os conceitos e tentar aí uma possível ponte é relativizar o processo interdisciplinar e as próprias ciências. Este deve ser antes, o ponto de partida para entender o modo de funcionamento de cada uma e a partir daí buscar nessa perspectiva o “ponto de estofa”, que trará contribuições tanto para a lingüística quanto para a psicanálise.

Tomando cada uma em suas especificidades, e observando seu modo de funcionamento, isto é, sua forma de estruturação pode ser o caminho que nos leve a encontrar na diversidade uma unidade.

Com a psicanálise lacaniana essa conexão torna-se mais apreciável na medida em que ele estuda o inconsciente sendo estruturado como uma linguagem. Assim sendo, como evitar a conexão entre linguagem e inconsciente?

De acordo com Michel Arrivé (1999, p. 23):

---

\* leilarscoelho@yahoo.com.br

Mestranda em Lingüística pela Universidade Federal da Paraíba – Campus I (João Pessoa)

A psicanálise não é nada mais do que um exercício de linguagem. Todos os psicanalistas, finalmente, concordam implícita ou explicitamente com isso, embora se sintam com estranheza que alguns deles resistem a reconhecê-lo. Resistências cuja própria força é proporcional à evidência dos fatos. Como evitar, então, uma conexão entre linguagem e inconsciente? E como dispensar o encontro entre lingüística e psicanálise? Para isso, seria preciso uma boa dose de pessimismo, e até de cinismo epistemológico. Principalmente, seria preciso postular que a linguagem, tal como ela intervém no tratamento, *não tem nada a ver* com a linguagem tal como a descreve o lingüista. Seria preciso admitir que existem duas linguagens, certamente homônimas, mas totalmente disjuntas.

Não se trata, pois de expor os anátemas e as identidades, mas as possíveis contribuições que uma pode oferecer a outra, nos seus mais variados aspectos.

De acordo com Teixeira (2000) e Flores (1999) *apud* Nóbrega (2001), eles apontam pelo menos duas possibilidades de trabalho na interface lingüística e a psicanálise: o trabalho com o sujeito e com a estrutura.

Enveredando pela via da estrutura buscar-se-á articular a constituição de sentidos produzidos pelos movimentos constituintes básicos da lingüística saussuriana e da psicanálise lacaniana, isto é, analisar a constituição de sentidos produzidos nas relações sintagmáticas e associativas, movimentos constituintes da lingüística saussuriana e pelos movimentos de metáfora e metonímia, formadores do inconsciente lacaniano, tomando como fio condutor das reflexões a ironia, mecanismo de linguagem que permite ser estudado tanto sob o olhar da lingüística quanto da psicanálise, importando-nos aqui sua estruturação, seu modo de funcionamento, o fato de apresentar uma coisa e significar outra.

## 2. A ironia e a articulação dos sentidos pelas vias da lingüística e da psicanálise

A ironia tem despertado interesse de muitos pesquisadores pelo fato do procedimento irônico multiplicar suas faces e suas funções, configurando, assim, diversas estratégias de compreensão e representação do mundo.

A postura desenvolvida por Aristóteles em relação à ironia, que instaura e marca a “noção tradicional”, é traduzida como espécie determinada de disposição e atitude intelectuais próprias de um tipo de ser humano, pelo fato de examinar e pôr a prova, não os conceitos, mas os próprios seres humanos. Essa caracterização da ironia como atitude tem em Sócrates o modelo primeiro de comportamento irônico, devido ao seu método filosófico que consistia em levar os homens a se conhecerem a si mesmos. O objetivo é procurar em comum aquilo que não se conhece e se deseja conhecer. Procura-se pela palavra alguma coisa que está além da palavra, mas que a palavra pode desvelar, ou revelar, a essência das coisas, “o universal”.

De acordo com Bréhier (1977, p. 81), a ironia socrática “timbra em mostrar-lhes que a tarefa é difícil e que acreditam, erroneamente, que se conhecem intimamente”. Pois o homem possui conhecimentos sem o saber, uma sabedoria oculta que vem da sua natureza e origem divina e que se revela pela refutação, uma vez que a refutação é para Mondolfo (1964, p. 164), uma “purificação e libertação da ignorância e encaminhamento à verdade”. Assim, a consciência do não saber, pela revelação do falso saber, torna possível o verdadeiro saber, ou o saber da verdade.

Nessa perspectiva, o processo é dialógico e dialético e tem como mola a contradição que instaura a ironia.

A ironia ao consistir em dizer o contrário daquilo do que se está pensando ou sentindo, vai anunciar no dito um não-dito que se oculta, utilizando os mais variados artifícios da linguagem para demarcar que se quer dizer o contrário do que se diz. Essa possibilidade da língua de querer dizer uma coisa e anunciar outra se torna possível, na medida em que se toma a língua na concepção saussuriana, na língua como sistema de signos, na noção de arbitrário e de valor e nas relações associativas e sintagmáticas, como constituintes do sistema.

Saussure ao trabalhar a noção de arbitrário do signo, desvinculando-o de uma relação natural entre significado/significante e constituindo-o por diferenças puras, demonstra a abertura da língua para as mais variadas formas de se comunicar. Se tivéssemos um significado único atrelado a um significante não seria possível a polissemia do signo, as ambigüidades, nem tampouco a constituição da ironia. Em:

“Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis.” (*Machado de Assis - Memórias Póstumas de Brás Cubas*)<sup>†</sup>

<sup>†</sup> Este exemplo foi extraído do livro de Português – Língua e Literatura de Maria Luiza Abaurre *et. alli*.

Tomado o signo sozinho, isolado é só um signo com uma significação única, mas estando ele inserido no sistema, imbuí-se de um valor e como tal constituindo sentidos na/pela relação que mantém dentro do sistema em uma dimensão sincrônica e diacrônica concomitantemente, isto é, cada signo estabelece uma relação com os outros signos dentro do sistema e o valor de um se constitui pela presença e ausência simultânea de outros.

Se tomássemos cada signo do exemplo acima em sua forma isolada, teríamos uma relação biunívoca entre significante e significado, impossível de se produzir um sentido irônico a qualquer enunciado. Todos os signos presentes nesse enunciado constituem uma cadeia e se encontram em uma relação de entrelaçamento na produção dos sentidos tanto em uma dimensão sincrônica, quanto diacronicamente, de maneira que a retirada de um termo, sua troca possibilita a alteração do sentido constituído.

Saussure (1989) vai dizer que os valores na presença são constituídos por relações de semelhanças e os valores constituídos na ausência pela troca. A primeira relação ele vai denominá-la de relações sintagmáticas e a segunda, de relações paradigmáticas.

Como característica principal dessa cadeia sintagmática está que ela é linear, ou seja, os elementos encontram-se distribuídos em uma linha, em tempo diferente e em relação de oposição.

Segundo Saussure (1989, p.143), “a relação sintagmática existe *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos *in absentia* numa série mnemônica virtual”.

Assim, pois, as relações e diferenças entre os termos lingüísticos se desenvolvem nessa ironia em duas esferas distintas: através do encadeamento, os termos encontram-se estabelecidos por relações baseadas no seu caráter linear – “*Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis*” – impossibilitando a pronúncia de dois elementos ao mesmo tempo na cadeia sintagmática e por relações de escolha, na medida em que as palavras nessa cadeia mantêm uma relação de associação com outras palavras *in absentia*, que permite a escolha dos elementos para preencher a função proposicional da ironia.

O sentido do texto irônico da personagem machadiana dizendo que o amor de Marcela teve apenas a duração dos *quinze meses e onze contos de réis*, ou seja, do dinheiro é, pois, determinado pela articulação dos elementos na cadeia sintagmática e, ao mesmo tempo, pelas relações paradigmáticas presentes no sistema da língua.

Articulação que permite a constituição de sentidos pela relação estabelecida entre os termos do enunciado e o sujeito com a verdade e com seu desejo. Essa articulação ironia-linguagem-verdade remete à ironia, como figura de retórica, bem como aos fenômenos inconscientes na medida em que a verdade, do ponto de vista do inconsciente, só pode ser dita pelo avesso.

Essa forma de dizer uma verdade que não se presentifica no enunciado produzida pela ironia deixa seus vestígios na estrutura para conduzir o leitor ao lugar da verdade nessa articulação com a linguagem e o desejo.

Para Garcia-Roza (2001, p. 98), ao analisar a relação entre a palavra e a verdade, coloca que a via da verdade psicanalítica se faz pelo caminho das equívocações, dos lapsos, dos tropeços, das ambigüidades da palavra. “É aí que habita a verdade do desejo, é por aí que o inconsciente faz suas irrupções, e é aí também que se inscrevem a condensação, o recalçamento e a denegação”.

A verdade como manifestação do desejo levanta o questionamento de como se pode, então, chegar à verdade.

Se, de acordo com Lacan, as palavras como signos não nos remetem diretamente às coisas, mas a outros signos, formando uma rede, ou seja, se um significante não está para ser atrelado a um significado, mas para um sujeito que está atrelado a outro significante, pode-se deduzir que a verdade não está na palavra.

Garcia-Roza (2001, p.94) vai dizer que “não é a palavra, enquanto realidade exterior, que produz a verdade. Esta, através da nossa interioridade, é que possibilita a palavra”. Ao articular a palavra com a interioridade e com a verdade, afasta a possibilidade de estar a verdade na linguagem e a conduz a interioridade do sujeito. É nessa perspectiva que Lacan (1998, p. 882) vai dizer “que nenhuma linguagem pode dizer o verdadeiro sobre o verdadeiro, uma vez que a verdade se funda pelo fato de que fala, e não dispõe de outro meio para fazê-lo”, porque a verdade se inscreve no plano do Real.

É a linguagem a condição para que a verdade que se inscreve no plano do real possa ser simbolizada.

Lacan ao mostrar o modo de funcionamento do inconsciente como sendo semelhante ao da linguagem, prioriza o significante em função do seu deslizamento constante para outro significante para poder significar, constituindo grupos fechados, compostos de uma série de anéis que se prendem uns aos outros constituindo cadeias. Portanto, pode-se deduzir que tanto na concepção saussuriana quanto na concepção lacaniana, a linguagem só é concebível como uma rede.

Essa cadeia articulada promotora da constituição dos sentidos vai colocar a palavra como geradora de ambigüidades, na medida em que se apresenta como um ato falho, um lapso de linguagem. Deslocando o sentido para além da palavra, essa dimensão demarca a presença do inconsciente demonstrando que o sentido é constituído também graças à luz do que lhes é trazido de fora dos signos, por aquilo que se encontra recalcado no inconsciente e que se materializa na cadeia significativa, demarcando o lugar da metáfora, do sentido, da verdade, que emerge simbolizada, por ser da ordem do Real, como pode ser vista na relação *quinze meses e onze contos de réis*, cuja verdade não se encontra no sentido literal dos termos, estando seu lugar fora do enunciado.

Ao apontar para um exterior “toda palavra formulada como tal introduz no mundo o novo da emergência do sentido. Não é que ela se afirme como verdade, mas antes que introduz no real a dimensão da verdade” (LACAN: 1979. p.299)

Nessa perspectiva, a produção de sentidos, demonstrando a constituição de uma verdade, se exprime por fora dos signos, noutra lugar. A palavra emitida vai, sem que o sujeito saiba, para além dos seus limites de sujeito discorrente, dizendo sempre mais do que quer dizer, sempre mais do que sabe dizer. Uma verdade que emerge através das “palavras que tropeçam”, como diz Lacan, (*Op. Cit.*, p. 302), no texto a seguir:

A verdade surge pelo que é o representante mais manifesto da equivocação – o lapso, a ação a que se chama impropriamente falhada.

Nossos atos falhados são atos que são bem sucedidos, nossas palavras que tropeçam são palavras que confessam. Eles, elas, revelam uma verdade de detrás. No interior do que se chamam associações livres, imagens do sonho, sintomas, manifesta-se uma palavra que traz a verdade.

Pode-se dizer que a verdade só pode ser dita, pelas vias do inconsciente, de forma avessa.

Mas Lacan (1985) vai dizer que a verdade é impossível de se dizer uma vez que ela é da ordem do Real. A inserção no simbólico mediado pela linguagem transforma o homem em um ser sempre desejante diante de um objeto perdido e sempre inatingível. Dessa forma, toda expressão de fala é marcada pela relação de falta, evidenciada na estrutura pelo sintoma, através da inserção do simbólico, demarcando um lugar em que se retém “uma verdade cônica, não a verdade que pretende ser toda, mas a do semi-dizer, aquela que se verifica por se guardar de ir até a confissão, que seria o pior, a verdade que se põe em guarda desde a causa do desejo” (LACAN: *Op. Cit.*, p.126).

Assim sendo, o desejo inconsciente, por marcar essa falta constituída pelo recalque originário, reveste-se de uma dupla característica: em primeiro lugar, sua distorção necessária; e, em segundo lugar, seu distanciamento com respeito à satisfação. Enquanto forma distorcida, caracteriza a dimensão do inconsciente ao apresentar-se de uma forma querendo significar outra; seu distanciamento em relação à satisfação é caracterizado por serem de ordens diferentes. A satisfação como resultado de uma necessidade é de ordem física, biológica; já o desejo é da ordem do Real e, portanto, jamais é satisfeito, ele pode realizar-se em objetos, mas não se satisfaz com esses objetos.

Sendo assim, o desejo se realiza nos objetos, mas o que os objetos assinalam é sempre uma falta, que faz com que haja um deslizamento incessante de significantes na cadeia da fala. Segundo Garcia-Roza (2002, p. 145):

O objeto do desejo não é uma coisa concreta que se oferece ao sujeito, ele não é da ordem das coisas, mas da ordem do simbólico. O desejo desliza por contigüidade numa série interminável na qual cada objeto funciona como significante para um significado que, ao ser atingido, transforma-se em novo significante e assim sucessivamente, numa procura que nunca terá fim porque o objeto último a ser encontrado é um objeto perdido para sempre.

Essa falta assinalada na cadeia significativa, provocando o deslizamento através do qual um significante desaparece para dar lugar a um outro, Lacan vai tomar como característica do desejo e ilustra sua estrutura através da noção de metonímia da lingüística.

É pelo desejo renascer continuamente, por estar sempre em outro lugar que não no objeto a que ele vise ou no significante suscetível de simbolizar este objeto que o desejo vê-se engajado na via metonímica. Dor (1989, p. 94) vai dizer que é pelo fato do desejo ser representado graças a significantes substitutos, que impõe ao objeto do desejo a qualidade de objeto metonímico.

Consistindo a metonímia na função assumida por um significante S no qual ele se relaciona com outro significante na continuidade da cadeia significativa, pode-se dizer que o desejo se materializa na cadeia metonímica, representado pelo sintoma.

Segundo Lacan, o sintoma se constituindo no sentido de reconhecimento do desejo apresenta-se sob uma máscara, de forma paradoxal. Para ele (1999, p.337):

A idéia de máscara significa que o desejo se apresenta sob uma forma ambígua, que justamente não nos permite orientar o sujeito em relação a esse ou aquele objeto da situação. Há um interesse do sujeito na situação como tal, isto é, na relação desejante. É precisamente isso que é exprimido pelo sintoma que aparece, e é isso que chamo de elemento de máscara do sintoma.

Essa relação de ambigüidade caracterizando o sintoma é apresentada na cadeia significante na medida em que o significante que se presentifica como o sintoma, por representar o desejo, ele não carrega em si o sentido por ele veiculado, mas aponta para um outro lugar, o lugar da metáfora, da produção de sentidos, da constituição da verdade. Para Dor (1989, p. 64), o sintoma:

Constitui-se como uma autêntica metáfora, ou seja, como uma substituição significante de um significante antigo recalcado por um significante novo. O significante novo (o sintoma) mantém uma ligação de similaridade com o significante recalcado que ele suplanta.

Pode-se dizer então, que o sintoma é um retorno da verdade, uma vez que o desejo ao se fazer representar na cadeia significante pelo deslizamento de significantes, demarcando um lugar, o significante “novo” é imbuído de um valor, que aponta para o lugar da constituição de sentidos, o lugar da verdade, o lugar da metáfora.

Freud, ao descrever o modo de funcionamento do inconsciente, na formação dos sonhos e dos chistes, propõe como mecanismo próprio do inconsciente dois grandes movimentos: condensação e deslocamento. Tanto nos sonhos como nos chistes sua estruturação consistia em um conteúdo manifesto e um latente. Neles, os conteúdos não só se apresentavam condensados, como demonstravam uma outra característica, as palavras apontavam para-além, revelando um sentido latente através do conteúdo manifesto, proporcionando um deslocamento do sentido. Nessa formação em rede, nessa passagem de uma palavra a outra, Freud identificou esses mecanismos como distintos, mas complementares.

Nessa perspectiva, há sempre um algo a mais que também se faz ouvir no conteúdo exposto, visível.

Para Freud (1996, p.154),

os elementos comuns, recém-criados, de condensação penetram no conteúdo manifesto do sonho como representantes dos pensamentos oníricos, de modo que um elemento no sonho corresponde a um ponto nodal ou a uma junção nos pensamentos oníricos, e, comparativamente a estes últimos, deve ser descrito geralmente como ‘superdeterminado’.

Já o deslocamento “é demonstrado pelo fato de que as coisas que estão situadas na periferia dos pensamentos oníricos, e que são de importância menor, passam a ocupar uma posição central, aparecendo com grande intensidade sensorial no sonho manifesto, e vice-versa” (FREUD: *Op. Cit.*, p. 154).

No enunciado irônico “*Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis*”, a produção de sentidos se constitui pela presença de um conteúdo manifesto, que aparece na superfície do enunciado, e um outro conteúdo latente, que resgata a história da relação de namoro entre Marcela e a personagem machadiana através da relação entre *quinze meses e onze contos de réis*, apontando para uma verdade não expressa no enunciado, mas que se faz presente, fazendo-se emergir de forma indireta – ela uma cortesã, ele filho de pais ricos, duas classes distintas, que mentem um relacionamento. Ele se apaixona por ela e depois chega a conclusão de que a relação dela para com ele não era por amor, mas por interesse, percebendo que seu amor teve a duração que o dinheiro pôde pagar,

Na perspectiva freudiana, têm-se os dois mecanismos básicos de formação do inconsciente na constituição dos sentidos desse enunciado irônico. A condensação se faz presente na medida em que o conteúdo exposto não traz a verdade do enunciado remetendo-nos pelo deslocamento dos sentidos para uma verdade que se constitui fora dos signos.

Lacan (1999, p. 34) vai dizer que a condensação é uma forma particular do que pode produzir-se no nível da função de substituição. E acrescenta que “não é preciso ter possibilidades extraordinárias de intuição para perceber que deve haver alguma relação entre a fórmula da metáfora e o que Freud nos esquematiza sobre a formação do milionário”.

Nessa perspectiva Dor (1989, p. 53) diz que “a condensação pode, legitimamente, ser considerada como estritamente análoga a uma substituição significante”, a metáfora conseqüentemente. Em relação ao

deslocamento ele vai dizer que “o processo global do sonho é um empreendimento metonímico” (DOR: *Op. Cit.*, p.59).

Partindo do inconsciente estruturado como uma linguagem, Lacan tomando os pressupostos teóricos da lingüística, associa os conceitos de condensação e deslocamento aos conceitos de metáfora e metonímia.

Lacan vai dizer que a partir da evolução concreta da lingüística, ou seja, com o advento do estruturalismo, permite-se tomar a linguagem no nível de um registro elementar, duplamente definido – como cadeia sincrônica e, em seu interior, como possibilidade permanente de substituição no sentido diacrônico. Permite-se, ainda, igualmente, de acordo com Lacan (1999, p. 52), “reconhecer, no plano das funções do significante, uma força originária na qual podemos localizar um certo engendramento do que chamamos sentido”.

Essa concepção permite apreender que no nível do discurso concreto, o enunciado irônico produzido pela personagem machadiana, em relação ao engendramento do sentido a linguagem se apresenta numa posição de ambigüidade, ao dizer uma coisa e significar outra, ao interrogar uma correspondência entre o “real e uma certa sintaxe do círculo intencional enquanto completado em cada frase” (LACAN: 1999, p.53). Ou seja, no decorrer de um discurso intencional em que o sujeito se apresenta como querendo dizer alguma coisa, produz-se algo que ultrapassa seu querer.

Esse para-além se caracteriza na cadeia da mensagem na medida em que um significante não está na estrutura para se atrelar a um significado, como é o caso da relação entre *quinze meses e onze contos de réis*, mas para expressar outro significante, em um deslizamento constante, caracterizando um movimento dialético, na medida em que o efeito de sentido que aí se produz é fruto de um jogo de ação regressiva do deslizamento do significante expresso ao significante recalcado. Ou seja, os *quinze meses e onze contos de réis*, ao assumir um lugar na cadeia significante mantêm uma relação de sentido com outros significantes que não se fazem presentes nessa cadeia, mas dele fazem parte, ocultados por se encontrarem recalcados.

Lacan vai dizer que a cadeia do discurso corta a cadeia significante em dois pontos de encontro, constituindo pontos fixos de amarração. O primeiro ponto constitui o encontro do discurso com o código, ponto sintomático, da constituição do objeto metonímico, que remete para o segundo ponto, “o ponto de estofa”, o lugar da metáfora, da produção de sentidos, da constituição de uma verdade.

Nesse enunciado irônico, em um primeiro momento, a cadeia do discurso cruza com a cadeia do significante constituindo o primeiro ponto nodal, o encontro do discurso com o código – demarcando o lugar do objeto metonímico – *quinze meses e onze contos de réis*, que aponta para um segundo momento, constituindo o segundo ponto nodal – demarcando o lugar da metáfora – o lugar da mensagem, do ponto de estofa, da produção dos sentidos propriamente ditos, da constituição de uma verdade, que não está no código, nos *quinze meses e onze contos de réis*, mas aponta para uma realidade exterior ao enunciado, uma vez que o objeto metonímico ao se apresentar “não passa de fragmento da realidade que representa” (LACAN: 1999, p. 43).

Como fragmentado de uma realidade, Lacan vai dizer que o objeto metonímico introduz a dimensão do pouco-sentido, na medida em que há um apagamento ou uma redução do sentido da cadeia significante, que interroga o valor como tal e intima-o a realizar sua dimensão de valor a se revelar como valor verdadeiro. No ponto de estofa, na realização da metáfora essa noção de valor é atribuída ao passo-de-sentido, na medida em que a intenção do sujeito, sua necessidade é estruturada pela substituição de significantes, ou seja, tomar um elemento no lugar onde ele se encontra e substituí-lo por outro numa relação de similaridade.

É nessa perspectiva que ele vai determinar para esse primeiro ponto o lugar do pouco-sentido e ao segundo, o lugar do passo-de-sentido.

Isso nos aponta para o fato de que tudo o que acontece na ordem da linguagem está sempre já consumado e o lugar da verdade não está no enunciado proposto, mas na articulação entre a cadeia significante e a cadeia do discurso se constituindo como um efeito do sujeito.

Assim, o efeito de verdade é, então, constituído de maneira metafórica e metonímica. De maneira que, em *Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis*, a expressão *quinze meses e onze contos de réis* marca o lugar do ponto de estofa, ao introduzir-se na dimensão do pouco-sentido, delineando um apagamento do sentido e introduzindo-se na dimensão do passo-de-sentido, ou seja, intima-se como o lugar da verdade.

Essa relação do pouco-sentido e do passo-de-sentido pode ser associada a Saussure, mais uma vez, na constituição do valor lingüístico, o qual só se reveste de sentido quando os signos estão entre rede, no sistema, bem como implica também a noção de arbitrário, no que diz respeito à relação não natural entre significado/significante, permitindo a mudança de sentidos proposta pelos *quinze meses e onze contos de réis*.

No passo-de-sentido, enquanto movimento metafórico, a constituição de sentidos se faz presente, na medida em que um significante S se coloca no lugar de outro significante S'. Ao se desencadear tal substituição, produz-se no nível de S' uma mudança de sentido, como pode ser observada no enunciado irônico em que os *quinze meses* e *onze contos de réis* ocupam uma posição de substituição de significantes, estando no lugar de *dinheiro*, *ambição*, *interesse*, etc., produzindo uma mudança de sentido uma vez que a verdade não se encontra apenas nos *quinze meses* e *onze contos de réis*, mas, também, nos outros significantes substituídos por esse enunciado.

Na dimensão metonímica, entram em jogo os contextos e os empregos. Uma palavra pode ser ligada de maneira diferente em dois contextos diferentes, o que lhe dá dois sentidos completamente diversos. Ao tomá-la num certo contexto com o sentido que ela tem em outro, estar-se-á na dimensão metonímica.

Dessa maneira, pode-se dizer, então, que a metonímia é a estrutura fundamental em que se pode produzir esse algo novo e criativo que é a metáfora, isto é, a cadeia em que é definida a posição na qual a metáfora se produz está, quando se trata de metonímia, numa espécie de deslizamento ou equívoco.

Assim, “numa palavra não haveria metáfora se não houvesse metonímia” (LACAN: 1999, p.80).

Portanto, a produção de sentidos se dá pela via do entrejogo entre a mensagem e o código e no retorno do código para a mensagem, pelas relações metonímicas e metafóricas concomitantemente.

Segundo Dor (1989, p.35), “a metáfora e a metonímia nos conduzem, igualmente, à idéia fundamental de Lacan da supremacia do significante e suas conseqüências com relação às formações do inconsciente”. Ele afirma que é na supremacia do significante, atestada pelos movimentos metafóricos e metonímicos, ou ainda, de sua assimilação ao funcionamento dos processos de condensação e deslocamento, que se encontram os principais pontos de argumentação teórica que justifica a tese do inconsciente estruturado como uma linguagem.

Dessa forma, pode-se deduzir através do enunciado irônico *Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis*, que há uma analogia entre o funcionamento dos processos inconscientes e o funcionamento de certos aspectos da linguagem, indissociáveis na produção de sentido, que se dá não pela relação que a palavra possa ter com a coisa significada, mas pela relação que ela tem com outras palavras, ou seja, na articulação signo-signo.

Assim, estudando o valor lingüístico saussuriano, a inter-relação entre as relações associativas (paradigmática) e sintagmáticas, os movimentos de condensação e deslocamento de Freud e os processos metafóricos e metonímicos lacanianos, como elementos constitutivos do sentido, pode-se dizer que Saussure e Lacan interagem e que Lingüística e Psicanálise devem caminhar juntas quanto à estruturação da linguagem.

### 3. Considerações finais

Através dessa pesquisa pôde-se observar, por intermédio da ironia que serviu de fio condutor na elaboração das reflexões, uma semelhança no modo de funcionamento entre o signo saussuriano e o significante laciano. Partindo da noção de valor, que se constitui pela relação que o signo mantém com outros dentro do sistema, o signo se imbuí de sentidos quando entra em rede pelas relações sintagmáticas e pelas relações associativas que estabelece dentro do sistema, permitindo que seja possível a elaboração de um enunciado irônico. Dessa forma, a relação sintagmática, responsável pela linearidade dos signos no sistema, estrutura os signos permitindo a elaboração do enunciado, enquanto que a relação associativa por sua vez, articula toda uma série de palavras que mantêm uma relação de semelhança com os signos da cadeia sintagmática, podendo substituí-los. De forma semelhante, pôde-se ver em Lacan identidades quanto ao modo de funcionamento do inconsciente em relação à constituição de sentidos nas formações do inconsciente, que se estruturam pelos dois movimentos básicos de metáfora e metonímia. Como pôde ser visto no enunciado irônico, o significante sofre deslizamento incessante na cadeia metonímica, por veicular um desejo recalcado, demarcando em algum lugar nessa cadeia, o lugar da metáfora, da constituição de sentidos, da simbolização da verdade, que é da ordem do Real.

### Referências bibliográficas

ABAURRE, Maria Luiza; PONTARA, Marcela Nogueira; FADEL, Tatiana. *Português: Língua e Literatura*. Vol. Único. São Paulo: Moderna, 2000.

ARRIVÉ, Michel. *Linguagem e psicanálise, lingüística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BRÉHIER, Émile. *História da Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

DOR, Joel. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Palavra e verdade: na filosofia antiga e na psicanálise*. 4.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

\_\_\_\_\_. *Freud e o inconsciente*. 19.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

LACAN, Jacques. *O seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 20. Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

\_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

MONDOLFO, Rodolfo. *O pensamento antigo – História da Filosofia Greco-romana – São Paulo: Mestre Jou, 1964*.

NÓBREGA, Mônica. *O mesmo e o outro: a constituição dos sentidos na articulação entre lingüística e psicanálise*. Tese de doutorado: Porto Alegre, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. 15 ed. São Paulo: Cultrix, 1989.